



Foto: Yuri Martins Fontes

Crônica de uma estadia entre os guerrilheiros das FARC

Yuri Martins Fontes¹

Formado em filosofia e engenharia (USP), doutorando em História Econômica (FFLCH-USP)

Colômbia, 2001

Há dez anos atrás, minha curiosidade pelas possibilidades da vida, aliada a um ainda jovem espírito asceta, fizeram-me partir mundo afora com uma mochila, em busca de conhecer algo da realidade dos povos e de sua diversidade cultural. Como latinoamericano, comecei o trajeto pela *Nossa América*, colocando-me como objetivo principal, verificar por mim mesmo a questão colombiana – além da mexicana e cubana – dada a desconfiança da maneira tendenciosa que eu percebia nos padrões geopolíticos da grande imprensa empresarial.

O depoimento que aqui apresento sobre minha visita aos guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército do Povo, refere-se à etapa inicial desta grande viagem (2001–2002) – na qual durante um ano, atravessei o território americano, por meio de transportes coletivos locais – ônibus, trens e barcos – e caronas, partindo de São Paulo, e cruzando os Andes, rumo ao México e Cuba, donde regressei através do Caribe e Amazônia.

Preâmbulo: a imprensa empresarial e a invenção das “verdades”

Antes de iniciar o relato, permito-me breve digressão – uma advertência dirigida ao leitor atento, que se sinta confundido

diante de tanta informação enlatada sobre as FARC e outros movimentos de resistência, reproduzida pela mídia conservadora, que bem sabe como uma mentira repetida múltiplas vezes toma o aspecto de verdade.

Embora os conceitos de *verdade*, ou *razão* não possam ser vistos de modo maniqueísta, não se deve tampouco, em se tratando da política real, ausentar-se das decisões – a cada situação histórica que se nos impõe a existência. Bom exemplo disto, são as recentes ocorrências nos países árabes, midiaticamente englobadas sob o nome fantasia de *Primavera Árabe*. Ninguém nega que o ex-líder líbio Muamar Kadafi, ou o sírio Bashar Al-Assad possam ser ditadores. A questão, no entanto, não se trata de saber classificá-los segundo parâmetros acadêmicos abstratos, mas sim de entender o contexto em que estão inseridos – e quais opções estão sobre a mesa concreta da História.

Conforme amplamente divulgado nos meios progressistas – e mesmo algo se pode captar nas entrelinhas da obscura imprensa empresarial –, o que ocorreu na Líbia e vem ocorrendo na Síria é o uso propagandístico dos dois levantes anteriores legítimos – egípcio e tunisiano –, para reequilibrar o jogo de influências das grandes potências na região. Assim, as revoltas iniciais – e contrárias ao desejo da OTAN – contra a tirania de Mubarak e Ben-Ali (aliados dos EUA/UE), acabaram por serem utilizadas pela mídia do Ocidente, para vender a ideia de que sírios e líbios viviam a mesma situação que egípcios e tunisianos viveram, convencendo a opinião pública de que também nestes países (“não-alinhados” com as potências) havia revoluções populares.

Desta forma, em defesa de seus interesses comerciais, as potências bélicas justificam seu incentivo ao terrorismo, e enviam armas para estes grupos opositores (líbios e sírios) – gangues ecléticas, sem nenhum projeto de governo e inclusive fundamentalistas. E a isso nomeiam de “ajuda humanitária”.

A semelhança desses fatos com o tema colombiano é explícita: primeiro se fomenta a guerra civil, depois classifica-se o opositor que resiste como *terrorista* (ou *narcoterrorista*). Uma ponderação do comandante Raúl Reyes, em entrevista que me concedeu na ocasião desta visita (publicada na revista *Reportagem*/2004), sintetiza a atuação da *inteligência* imperial contra os revolucionários comunistas:

“As FARC são um exército do povo que se nutre da economia do país, que é o petróleo, o café, as esmeraldas, o gado, o algodão, a coca e a papoula. Portanto, as FARC cobram um imposto àqueles capitalistas que possuam mais de um milhão de dólares, independentemente da proveniência de seus capitais. Não perguntamos ao empresário das transportadoras se seus caminhões foram comprados com dinheiro do narcotráfico. Porém, as FARC não têm cultivos, não negociam narcóticos e não vendem favores aos narcotraficantes – apesar da campanha encabeçada pelos EUA que tem por fim nos desacreditar, mostrar-nos como narcoterroristas. Mas é normal que façam isso, pois são nossos inimigos e, portanto, fazem o que devem fazer”.

Em síntese, *terrorista* é o adversário. Mas ainda que a *verdade* seja difícil de se vislumbrar, a *mentira* é geralmente bem clara – a quem queira estar atento. E um exército revolucionário não perdura meio-século sem motivações claras e sem apoio popular a engrossar periodicamente suas fileiras.

A Colômbia é hoje – e há muito tempo – uma das maiores desigualdades sociais do mundo, onde latifundiários, governo e narcotraficantes se confundem dentro do mesmo amálgama. Aliás, à época do assassinato de Raúl Reyes (2008), o presidente do país era Álvaro Uribe – narcotraficante fichado, em 1991, pela *Agência de Inteligência da Defesa* dos EUA (DIA). Anos depois, Uribe viria a ser grande aliado dos EUA em sua luta contra o *narcoterrorismo* – seu país é o segundo no mundo que mais recebe dinheiro estadunidense (após Israel, é claro). Não à toa, por lá não houve a *necessidade* nem de uma ditadura militar.

Conforme o *Relatório de Desenvolvimento Humano* da ONU (PNUD-2011), o IDH colombiano, quando ajustado segundo a “desigualdade social” (IDHAD), sofre queda de 32% (de 0,710 para 0,479). Tal decréscimo só é comparável ao de países paupérrimos (Estados desestruturados) como Namíbia e Haiti; no caso brasileiro, historicamente bastante desigual, a queda é de 27,7% (de 0,718 para 0,519). E no entanto, a Colômbia investe os bilhões de dólares que recebe dos EUA, na compra de armas (inclusive químicas, para desfolhamento da floresta amazônica, onde atua a guerrilha).

Este fato, ao lado do bloqueio à pequenina Cuba, dá-nos uma ideia da relevância explícita que o Império ainda percebe nestas duas forças potenciais das ideias latinoamericanas: a Revolução Cubana e a Colombiana.

Crônica: viagem ao território comandado pelas FARC-EP

1. De como iniciei contatos para visitar a guerrilha

Foi na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, numa noite. Os cartazes na Cidade Universitária convidavam à palestra onde teria a palavra, entre outros, o padre colombiano radicado no Brasil, Oliverio Medina, interlocutor das FARC no processo de paz que à época tramitava entre as guerrilhas do país (FARC, ELN e EPL) e o governo de Andrés Pastrana. Chegada a hora da abertura do evento, dirige-se à mesa um diretor do DCE – uma das entidades organizadoras do seminário político – para afirmar ao microfone que o convidado estava proibido de falar e mesmo de emitir qualquer opinião pública em território brasileiro, segundo ordens da Polícia Federal – em claro acatamento a ordens superiores, vindas provavelmente da CIA.

Não podendo o colombiano falar, sobe ao palco um irreverente parlamentar, então do PT de Guarulhos, Edson Albertão, a narrar suas impressões e vivências de três viagens em que estivera hospedado pelos guerrilheiros no território desmilitarizado de *Los Pozos*, por ocasião de reuniões diplomáticas visando acordos para a paz. Ao final da conferência, uma roda se formou em torno do padre censurado. Eram estudantes revoltados com a imposição antidemocrática, outros emocionados, mas antes de tudo, todos estávamos ainda mais curiosos para ouvir algo daquele que não deixaram falar. E ele falou, atendeu às questões de um a um, e recusou-se diante de pedidos de autógrafos em livros e revistas do movimento – pois que eram “trabalhos coletivos”. Ao final, à saída do auditório, apresentei-me a ele, contei que era estudante, ex-diretor do DCE, e que me preparava para uma longa viagem pela América, que passaria em seu país e gostaria de visitar seu grupo guerrilheiro. Ele me olhou firme, como que me analisando, e me disse: “Vá a San Vicente de Caguán, e procure a Simone² no posto de saúde local”.

2. Da chegada à Colômbia após atravessar os Andes

Parti em viagem em julho de 2001. Depois de atravessar durante alguns meses, o inverno da Bolívia, Peru e Equador, onde me permiti estar algum tempo, em preparação emocional para a empreitada – entre acampamentos e comunidades de músicos e artesãos viajantes – era enfim chegada a hora de conhecer a guerra. Após a documentação de praxe na fronteira, uma perua-van com contados

treze buracos de tiro no vidro dianteiro, levou-me à primeira cidade do Sul, Pasto. Estando a sós no carro, perguntei ao motorista: “Como se diferencia um guerrilheiro, de um militar ou paramilitar?”. “Pelas botas – me respondeu – a guerrilha usa botas de borracha, o exército de couro; e os *paracos* se vestem *sempre como o exército...* só que usam um distintivo na manga”. E logo juntou: “Mas agora vou ter de parar pra pegar passageiros, por favor não me faça mais perguntas sobre o assunto”. Calei-me.

Viajei por alguns dias, pelas montanhas e vales verdes do Sul do país, e após diversas batidas e revistas do exército pela rodovia afora, a cada 50 ou 100 km no máximo (sabendo do problema, eu doara todos meus livros de filosofia ou política), eu já me aproximava do território desmilitarizado para as negociações de paz. Foi quando, em Neiva, cidade mediana próxima ao meu objetivo, burocratas me informam que estrangeiros precisavam – havia apenas uma semana! –, obter em Bogotá, junto à Polícia Judiciária (órgão político-repressivo), autorização para entrada na região de trégua de San Vicente de Caguán. Era outubro de 2001, e vivíamos os primeiros reflexos do recente contra-ataque de *11 de setembro*, nos EUA. Eu não podia acreditar... meu atraso me faria atravessar metade do país – ao menos uns mil quilômetros a mais. E ainda com o risco de não obter a autorização.

Nesta mesma noite, procurando acalmar um pouco a tensão que me acometia, fui a um cinema do centro. Quando voltava, passei por uma rua menos iluminada onde prostitutas e travestis se ofereciam. Eu observava o cenário, sem deixar de caminhar esperto, quando fui abordado por uma espécie de policial militar fardado. Ao perceber que eu era estrangeiro, imediatamente acionou o rádio, e em alguns instantes surgiram duas picapes com seis policiais à paisana, que me meteram numa das caçambas e saíram a dar voltas pela cidade. Parecia-me que me levavam a algum lugar distante, mas antes que eu pensasse em saltar do veículo, acabaram estacionando diante de minha hospedaria. Era um muquifo na periferia da cidade, cuja porta sob a escada principal era tão baixa que até me constrangeu quando a graciosa agente policial, ao se abaixar para entrar, deu de cara com algumas cuecas que eu pusera pra secar penduradas num barbante.

Por fim, depois de mais de uma hora a verificarem todos os meus objetos, me liberaram, não sem longo interrogatório e a leitura coletiva de minha “carta de recomendação” – a qual providencialmente, minha amável professora, ora chefe do Departamento de Filosofia, me

concedera quando parti. Redigida em castelhano, francês e português, a carta timbrada me apresentava como “aluno de pós-graduação” e pedia para mim “todo o apoio e auxílio” no que eu pudesse necessitar em minha “pesquisa de campo para doutoramento”.

Mais alguns dias e cheguei à pujante capital Bogotá. Pacientemente esperei um feriado prolongado até que os burocratas de plantão me dessem a tal autorização para minha “reportagem e pesquisa sobre as possibilidades do processo de paz” – conforme aleguei. Devidamente documentado, tomei o ônibus de volta ao Sul, e finalmente cheguei a San Vicente, num micro-ônibus sacolejante a cruzar estradas de terra e vilarejos esquecidos da selva.

Dirigi-me ao centro do povoado, e ainda não tinha tirado a mochila das costas, quando percebo um barbudo cuja camiseta trazia o rosto de Simón Bolívar. “Amigo, por favor, *usted* faz parte da guerrilha?”. “Eu? Por quê? Pareço?” – me respondeu já se permitindo sorrir. Contou-me que a tal S., que eu devia procurar, já não estava ali. Quanto a ele, não era propriamente *guerrilheiro* (no sentido militar, pois que não são aceitos religiosos no leninista *Exército do Povo*), mas fazia parte da Milícia Bolivariana, um dos braços da guerrilha – formado por civis à paisana armados. Soube ainda, que além deste grupo, as FARC contam também com o *Círculo Bolivariano*, no qual civis (desarmados) atuam no apoio logístico. Há ainda o *Partido Comunista Colombiano Clandestino*, que executa ações urbanas e burocráticas nas metrópoles. J.C., no momento atuava como uma espécie de prefeito da cidade, então administrada pelas FARC.

Note-se, que esta região de negociações para a paz, vigorou até o início de 2002, quando foi invadida numa emboscada do governo Pastrana – numa tentativa de “mostrar trabalho” um mês antes de entregar o poder ao belicista Uribe. Para minha sorte, eu deixara o território um mês antes deste gesto traiçoeiro que feriu a trégua – o que segundo a Convenção de Genebra é crime de guerra (“é proibido matar ou capturar um adversário recorrendo-se à perfídia e deslealdade”). Além disso, nesta época, na região, além de mim, havia mais uma dezena de estrangeiros, entre fotógrafos, jornalistas e o pessoal da Cruz Vermelha. Na ocasião, alguns camaradas foram sumariamente trucidados pela artilharia, embora a maior parte, sempre atenta e de mochilas prontas, tenha podido fugir.

Entardecia, e J.C. me conseguiu uma sala, num repartimento público vazio, para que eu passasse aquela noite. Ajeitei meu saco-

de-dormir sobre uma mesa, pois uns chiados no teto me deram a impressão de haver algo mais do que baratas a dividir comigo o recinto um tanto abandonado.

3. Primeiro encontro com o intelectual que renegou a mentira urbana e foi trabalhar na floresta

Eu esperaria ainda uma semana nesta pequena cidade, até que veio me recepcionar a comitiva do comandante Simón Trinidad – economista de Oxford, hoje em prisão perpétua nos EUA,³ após ser extraditado no governo Uribe. Na caçamba dum camburão militar seguimos para a floresta. Viajamos algumas horas por estradas de terra entre montanhas, até chegarmos ao vilarejo de *Los Pozos* – onde estava montado um circo improvisado para as negociações internacionais do Processo de Paz – espécie de centro de convenções.

Com um dos guerrilheiros que me escoltava, mais conversador, comentei que admirava a coragem de sua luta revolucionária, ao que ele, camponês humilde, me respondeu: “Não sei bem que é o comunismo, não tive muito estudo, o *senhor* sabe como é... mas eu sentia que tinha de fazer algo diante da situação ruim em que eu vivia, eu e minha família... e aqui eu encontrei um lugar onde acho que posso tentar mudar alguma coisa”.

Antes de me deixarem e partirem para algum ponto da imensa selva, uma simpática e bela comandante deixou-me pago – cortesia do *Comando* – uma refeição, com direito a cerveja, no único restaurantezinho da aldeia, além de me alojar numa casa de família. Chamava-se Lucero Palmera. Eu a conhecera pela manhã, numa praça de San Vicente. Ela estava lendo o *Evangelho* – obra-prima de Saramago. Puxei assunto, sem muita pretensão, ao que ela me brindou com uma longa conversa, cheia de graça e inteligentes comentários literários e sorridentes sobre o autor – que aliás, ela conhecia bem mais do que eu. Contudo, no auge do meu encantamento, surgiu outro comandante, que depois me alertaram ser seu companheiro. Não a veria novamente.⁴

Pela manhã, despertei cedo e caminhei pelas estradas e trilhas da *Alta Floresta Amazônica*, entre fotos e reconhecimento do local. À beira dum riacho, passei a tarde a ler. Pela noite, uma cerveja com um fotógrafo alemão que por lá surgira, não sei de onde. E minha rotina se repetia, até que, após uns dias, ao retornar por volta da hora do almoço, um guerrilheiro me chamou aflito: “*Donde estabas?*”

Te buscamos toda la mañana!”. O comandante porta-voz Raúl Reyes, que me receberia, esperava-me. O rapaz me acompanhou até o centro de convenções.

Ao chegarmos diante do circo, não entramos. Contornamos o espaço onde homens e mulheres fardados, trabalhavam em escritórios, entre computadores, jornais abertos sobre a mesa, arquivos e livros. Dali, acabamos por sair numa área descampada rodeada por altas árvores que formavam um meio-círculo, já na divisa com a mata fechada. Ao centro, um homem de quase sessenta anos, barbas longas e já bem brancas, me esperava sentado numa humilde cadeirinha que mal dava conta de seu tamanho. Diante dele, outra cadeirinha, vazia. O comandante se levantou, sorriu e me cumprimentou. Convidou-me a sentar. “Esperávamos você há dois meses!” – me disse, para minha surpresa (eu que me pensava algo incógnito, até há poucos dias).

“Como anda o presidente Lula?” – foi o primeiro assunto em que tocou, o que depois me seria inquirido por vários outros comandantes e guerrilheiros que conheci. Era a época da primeira vitória presidencial do PT; após tanta espera, por fim, um partido de cunho sócio-humanista ascendera ao poder no Brasil, à revelia de toda a suja campanha contrária da imprensa conservadora – e isto chamava a atenção de todos, era motivo de esperanças e orgulho também por lá.

“Soube que veio por terra, como foi sua travessia?” – perguntou-me cordial e bem informado. Expliquei-lhe que demorara, pois me detivera um tempo no Peru a estudar castelhano, e que o transporte público, “o senhor sabe”, não é lá estas coisas – ao que ele cogitou sorrir, mas se conteve na seriedade de sua patente de membro do Estado Maior. Perguntou-me se eu queria somente uma entrevista “como um mero jornalista”, ou se queria conhecer de fato a vida no acampamento. Optei claramente pela segunda proposta, ao que ele me orientou a escolher imediatamente um codinome, antes que viesse a esquadra que me conduziria ao acampamento que ele dirigia.

4. O dia-a-dia no acampamento guerrilheiro

O comandante Reyes despediu-se de mim. Nos reencontramos dias depois, num amanhecer do acampamento, quando ele discursava aos guerrilheiros, como fazia semanalmente. Era um acampamento amplo, com cabanas firmes erguidas em clareiras, cuja

estrutura em madeira fincada, era coberta com palha artesanalmente entrelaçada, tornando o recinto impermeável aos frequentes temporais da época. Havia também um gerador de energia, antena parabólica e aparelhagem de radiotransmissor. Um complexo que só era viável, devido ao fato de estarmos – ao menos naquela região – em trégua. Porém, vale ressaltar que em não sendo este o caso, o acampamento costumava ser o mais simples possível – com barracas de armar e fogareiro de chão – pois que a tática de guerrilha móvel usada pelas FARC, sem a qual não sobreviveriam aos bombardeios diários, funcionava da seguinte maneira: para cada 4 horas de marcha, pára-se por 2 horas para comer ou dormir; e logo caminha-se mais 4 horas...

Vida dura a dos guerrilheiros, meditei após alguns dias de experiência na selva, entre mosquitos de variadas e coloridas espécies, chuva e trabalho pesado, que começava às 4h da manhã e só acabava com o final da luz do dia (pra mim, pois os guerrilheiros ainda se revezavam na guarda, durante a madrugada): “Somente um completo estúpido poderia pensar que alguém, em sã consciência, vivendo numa selva hostil como esta, se dedicaria a ter como meta de vida o “narcotráfico” (como acusam aos líderes guerrilheiros) – seria a completa contradição: enriquecer, sem ter onde gastar a riqueza... e ademais, sobrevivendo sempre no limite, não só à guerra contra a maior potência do mundo, mas também a uma vida totalmente rústica, isolada e desconfortável”.

Tardariam ainda algumas semanas antes que Raúl Reyes me concedesse a entrevista. Neste tempo pude observar e participar do cotidiano dos guerrilheiros, entre tarefas básicas, como limpeza, cozinha, horta e criação de animais (as FARC têm por princípio tático a sua própria soberania alimentar – apoiada pelo *Círculo Bolivariano*), além de exercícios militares, alfabetização e estudos de política, psicologia, tática de guerra e até neurolinguística. Em um auditório – uma grande cabana sem paredes – por vezes subcomandantes (comandantes de esquadras e outros agrupamentos menores) ministravam palestras, ou então, pelas noites, havia algum filme de entretenimento ou documentário.

Em alguns dias esparsos, apareciam outros comandantes a visitar o acampamento de Relações Internacionais, a trazer boletins, jornais ou informações pertinentes. Em uma destas ocasiões pude conversar por horas com o comandante Carlos Antonio – que me elucidou diversas dúvidas. Reparei que se tratava de um homem bastante culto,

ainda que modesto. Trazia nos olhos uma paz oriental – sabedoria esquecida no Ocidente. Dentre os principais temas conversados, perguntei-lhe sobre a questão indígena – a mídia divulgava litígios entre a guerrilha e certos índios, e inclusive o suposto *assassinato* de dois indígenas. Ele me disse que de fato ocorreu uma *execução* de dois homens, que embora de etnia indígena, não estavam ligados à causa indígena, atuando como mateiros mercenários – ou seja, os tais “*índios*”, sendo conhecedores profundos das florestas, vendiam sua ciência para o exército e os paramilitares, de modo a facilitar a perseguição dos guerrilheiros.

Certos finais de tarde, ao regressar do trabalho rumo a minha pequena cabana individual e central, pude observar o comandante Reyes caminhar pelo acampamento, ou chegando de alguma reunião externa. No demais, ele passava os dias oculto ou à varanda de sua cabana que ficava no alto de um monte lateral, ocupado em sua leitura, ou a escrever artigos, informes, e preparar documentos e pronunciamentos para os encontros com representantes da comunidade internacional.

Já os guerrilheiros, cortavam lenha, revezavam-se na vigilância, preparavam a comida, cuidavam dos animais, faziam cartucheiras e outros artigos em couro, além de diariamente dedicarem-se às tarefas de ensino e estudo. Certa manhã, acompanhei o trabalho de um grupo na construção de uma cabana que seria sede da rádio. Em meio aos serviços de cortar árvores com machados e carregar troncos por todo o dia, pude observar a arte tradicional dos camponeses da região de entrelaçar, quase hermeticamente, as folhas de bananeira, para o telhado.

A alimentação do acampamento era preparada pelos escalados naquela semana para tal função. Comíamos, tanto no almoço como na janta (servida antes do cair da tarde, por segurança, já que pela noite não se acendia um fósforo), arroz com ervilhas ou feijão, além de ovos fritos ou frango, e para acompanhar, banana-da-terra ou batata, batata-doce, macarrão... e café... sempre café. Algumas vezes tinha carne de porco ou de boi.

Antes do jantar, havia ainda um momento musical, dedicado à cantoria de temas revolucionários. Era também a hora do tabaco – cada guerrilheiro tinha direito a 7 cigarros por semana (os não-fumantes cediam os seus). As roupas eram lavadas no rio, tanto por homens como por mulheres – não presenciei nenhuma divisão de gênero em qualquer tarefa. Num canto do acampamento, de

mata mais fechada, havia uma latrina comprida e funda para as necessidades – também sem distinção de sexo, embora o bom-senso prevalecesse. Nas quartas-feiras era dia de descanso, tocava-se violão e jogava-se vôlei: “Futebol não, pois guerrilheiro não pode machucar o pé – me contou um camarada dos mais gentis, sempre disposto a colaborar com qualquer coisa que eu precisasse. Na verdade, a maioria dos guerrilheiros, após um primeiro momento de desconfiança, logo se abria e buscava conversa: “Como é o Brasil? Há luta armada também por lá? Você não tem família? – e a mais comum – “E o Lula?!”.

Num dia de festa, que tive a sorte de participar, presenciei o sangrento sacrifício de um boi, na base da peixeira – cujo espetáculo quase me tornou vegetariano, ou ao menos eu pensei sobre o assunto, até que me chegaram os primeiros bifés mal-passados que há muito eu não via, tão logo eu regressava faminto de meu banho de rio gelado.

5. Entrevista com Raúl Reyes e partida do território de trégua

O momento da entrevista me foi avisado pela comandante que secretariava Reyes, com antecedência de poucas horas. O local era a grande cabana-auditório – com suas várias fileiras de bancos de tábuas cruas, tendo no fundo um palanque –, onde pelas noites se reuniam comandantes e guerrilheiros para palestras ou cursos de alfabetização de adultos (que eram bastante concorridos por jovens aprendizes).

Neste dia, conversamos sem cerimônias, e durante quase três horas ouvi atento a voz suave – que mesclava didatismo, com erudição político-acadêmica – daquele intelectual que há vinte anos tinha deixado o conforto da elite urbana para se retirar à vida áspera das selvas. Aqueles curtos instantes me passariam a impressão de que não somente confabulávamos sobre as mazelas do mundo, mas que realmente havia forças organizadas com a intenção e a possibilidade de combater e vencer.

Pareceu-me então que as condições propostas pelos revolucionários para baixar armas eram um tanto modestas para o poderio militar que detinham sobre duas ou três dezenas de milhares de homens bem treinados e armados: basicamente pleiteavam reforma agrária e direitos trabalhistas fundamentais, num país historicamente dominado por coronéis dos mais sanguinários, como bem ilustra García Márquez, em seus *Cem Anos de Solidão*.

De fato eram requisitos humildes, mas os EUA, como se sabe, não aceitam arranhões à sua hegemonia. E menos ainda em seu “quintal” – onde se estende a maior floresta do mundo com toda sua biodiversidade, além do petróleo. Daí a aplicação da “tolerância zero”, por parte de Uribe, o que culminaria, um ano depois, na bárbara execução sumária de Raúl Reyes, este pensador e diplomata da infantaria revolucionária latino-americana.⁵

“Viver uma guerra não é como distribuir panfletos revolucionários, e muito menos, escrever bravatas em favor dessa ideia vazia que hoje chamam democracia” – disse-me por fim o comandante. E encerrou a entrevista.⁶

De fato, escrever artigos sobre *políticas para a paz*, vivendo em meio à selvageria, não tem o mesmo valor que os palpites de redatores-comerciais distanciados do mundo que, entre o pueril e o mercenário, classificam guerrilheiros como “narcoterroristas” e “aburguesados” – sem jamais terem pensado a respeito do conteúdo destas nomenclaturas, ou sobre o *conforto burguês* que se pode desfrutar em uma vida sob tensão em meio a uma floresta em chamas.

Mas é certo que do alto de suas redações climatizadas, nas grandes *avenidas paulistas* do mundo, alguns jornalistas e intelectuais não conseguem ouvir bem o calor da insatisfação popular generalizada. A alienação destes ideólogos do empresariado, somente não gera mais ódio, devido à pena que causa, pois que a alienação política – e consequentemente moral – é antes de tudo uma alienação de si mesmo e de seu próprio tempo, alienação de suas próprias possibilidades de escolha, e em última análise, alienação de sua própria e única existência. E tudo isso tem consequências trágicas – inclusive para si mesmos. Realidade que é de fato muito triste.

Dias depois uma caminhonete me levaria de volta ao povoado desmilitarizado. Meu problema agora seria sair do território rumo a Bogotá, e deixar o país o quanto antes, pela fronteira panamenha – evitando ser visto, pois conforme diversos relatos que ouvira de populares, os paramilitares não conheciam *direitos*, e muito menos *humanos*. E além disso, desde Bogotá conhecidos já me alertavam: “Não confie nas instituições daqui – muitos do exército são também *paracos*”.

Dormi na mesma pensão da chegada, fiz a barba que já ia longa, e pensei em meu filho, que não tive. Saí ainda de madrugada, metido num capote simples de gola alta e com um boné enterrado na cabeça que me disfarçava os olhos.

Notas

1. Formado em filosofia e engenharia (USP), é doutorando em História Econômica (FFLCH) e trabalha como jornalista, tradutor e fotógrafo.
2. São fictícios os nomes de pessoas citadas neste texto, sempre que se acreditou necessário.
3. Simón Trinidad foi preso de modo desleal, em Quito (2004), quando se dirigia a um encontro com o enviado do Secretário Geral da ONU, em que trataria do intercâmbio humanitário de prisioneiros. Extraditado aos EUA, foi condenado à cadeia perpétua. Apesar do julgamento fanteche, o próprio juri imperial pôs em dúvida a acusação de narcotráfico, condenando-o então por tramar sequestros militares. Em sua defesa, declarou: “Outros farão uso de sua liberdade física para concluir nossos sonhos de um mundo sem exploradores nem explorados, e sem propriedade privada sobre os meios de produção”.
4. Lucero Palmera, segundo consta, teria sido morta em bombardeio, no ano de 2010. Comandava a rádio *Voz da Resistência*, onde ministrava cursos de organização guerrilheira.
5. Em 2008, Raúl Reyes e outros 20 guerrilheiros foram mortos enquanto dormiam, em uma operação da aviação militar colombiana, patrocinada e indiretamente comandada pela CIA, em pleno território equatoriano – o que quase causou uma guerra entre os países. Houvesse reféns, haveriam sido mortos, e seria bastante irônico se fosse encontrado em roupas íntimas – como estes lutadores assassinados foram apresentados ao público – o cadáver da ex-candidata reacionária Ingrid Bitencourt (na época ainda refém), da qual a opinião pública (domada pela imprensa empresarial) se acostumou a ter compaixão.
6. Esta entrevista com Raúl Reyes, publicada originalmente na revista Reportagem-Retrato do Brasil (julho/2004), pode ser lida no endereço: www.consciencia.net/2004/mes/07/farc-40anos.html